

# UMA FLORESTA CULTURAL AO SUL: A FLORESTA DE ARAUCÁRIAS E O POVO KAINGANG

**Victoria Valduga Boeira da Silva**

O presente resumo foi elaborado com base na monografia "Caminhos Sob as Araucárias: Florestas Culturais e os Kaingang" de Boeira da Silva (2023), que propõe, por meio de uma pesquisa bibliográfica, compreender a complexa relação entre o povo Kaingang e as florestas de araucárias. O foco está no papel ativo que esse povo desempenhou e ainda desempenha no manejo e conservação dessas formações florestais. O objetivo da pesquisa foi demonstrar como as práticas culturais dos Kaingang contribuem significativamente para a biodiversidade e sustentabilidade das araucárias, contestando a ideia de que essas matas teriam uma origem totalmente natural e que as populações apenas se adaptaram passivamente a esse ambiente.

A pesquisa foi realizada a partir de uma ampla gama de referências bibliográficas, abrangendo estudos de ecologia, antropologia, história e direito ambiental. Como principal referência, foram utilizados os estudos de Silvia Copé (2015) realizados através de escavações no planalto sul e de William Balée (1993; Balée & Posey, 1989), desenvolvidos a partir de extensos levantamentos junto aos indígenas na Amazônia. Estes estudos descrevem apontam que técnicas empreendidas por indígenas em áreas florestais resultam em aumentos significativos das espécies, em contraste com as áreas onde não executam este manejo. William Balée (1993) propõe a noção de "Florestas Culturais" como ambientes que são produtos de práticas culturais conscientes e prolongadas pelos povos que ali habitavam. Desta forma Copé (2015) ajuda a observar que técnicas de coleta, preservação e plantio do pinhão desenvolvidas pelos Kaingang foram cruciais para a diversificação das espécies e a conservação do ecossistema.

No segundo capítulo e nos subcapítulos que o compõem, é descrito como essa relação se constitui, de acordo com as bibliografias consultadas, e como as florestas de araucárias devem ser entendidas como formações etno-ambientais, ou seja, que essas florestas são produtos de uma interação prolongada e consciente entre o povo Kaingang e o ambiente. Utiliza-se o conceito de florestas culturais para descrever como as práticas de manejo dos Kaingang resultam na criação de paisagens que suportam uma alta biodiversidade. É enfatizado esta relação, demonstrando como a cosmologia indígena informa práticas de manejo que beneficiam tanto a comunidade humana quanto o ecossistema. Pontua-se também o desaparecimento das florestas de araucárias devido à exploração madeireira e à expansão agrícola. Por fim são analisadas as políticas de proteção ambiental implementadas pelo governo e pela sociedade civil para tentar preservar essas florestas. As araucárias, outrora abundantes, tornaram-se raras, e a perda dessas florestas teve um impacto profundo na cultura e na subsistência dos Kaingang.

Ao passo que se aprofunda a discussão sobre a cosmo-política Kaingang se torna perceptível como a floresta de araucárias está intimamente entrelaçada com as cosmologias deste povo. Como exemplo é utilizado o ritual Kikikoi, um momento em que vivos e recém-mortos comungam o Kiki – uma bebida fermentada no tronco da araucária – e, após os festejos, são encaminhados ao Numbé – a aldeia dos mortos – enquanto as marcas clônicas dos vivos são reafirmadas.

Ao final deste capítulo é tratado o desaparecimento das araucárias e a proibição do *Kikikoi*. E como a expropriação dos territórios indígenas pelos colonizadores e a proibição de práticas

culturais tradicionais esta intrinsecamente ligada a degradação ambiental. Posto isso, é evidente a importância do conhecimento tradicional na gestão sustentável dos recursos naturais. Na conclusão reflete-se sobre a importância de repensar a relação entre sociedade e natureza. Tecendo uma crítica a visão que interpreta a interação entre ser humano e natureza como necessariamente destrutiva, e nega a biodiversidade como fruto de uma construção social e cultural. Torna-se necessário que esses territórios criados com zelo pelas populações indígenas sejam analisados para além de seu conceito geográfico, especialmente através de sua dimensão simbólica e espiritual.

Esta investigação tem como objetivo contribuir para um maior reconhecimento e valorização do conhecimento indígena na gestão de ecossistemas. Como o demonstrado o povo Kaingang têm moldado e preservado as florestas de araucárias por meio de suas práticas culturais e ecológicas, promovendo uma coexistência harmoniosa e sustentável entre humanidade e natureza. Este trabalho busca inspirar uma maior apreciação pelas práticas de manejo ambiental dos povos indígenas e seu papel essencial na conservação da biodiversidade.

**Palavras-chave:** Floresta de araucárias; Kaingang; Florestas culturais; Araucárias.

## **REFERÊNCIAS:**

Balée, W. L. & Gely, A. A managed forest succession in Amazonia: the Ka'apor case. *Advances in Economic Botany*, 7: 129-158, 1989.

Balée, William . Indigenous transformation of Amazonian forests: An example from Maranhão, Brazil. *L'Homme (Paris)* , v. 33, p. 231-254, 1993.

Balée, William e Posey, D. 1989. Resource management in Amazonia: indigenous and folk strategies (Gestão de recursos na Amazônia: Estratégias Indígenas e populares). Nova York, Estados Unidos, New York Botanical Garden.

Boeira da Silva, Victoria Valduga. Caminho sob as araucárias: florestas culturais e os kaingang. Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Santa Catarina, p. 77, 2023.

Copé, Silvia Moehleck. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. *Estudos Avançados*, v. 29, n. 83, p. 149-171, abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142015000100007>. Acesso em: 23 nov. 2023.